

Área: Sustentabilidade | **Tema:** Educação e Sustentabilidade

**EDUCAÇÃO E SUSTENTABILIDADE: É POSSÍVEL A EDUCAÇÃO DO CAMPO AUXILIAR NO
DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL LOCAL?**

**EDUCATION AND SUSTAINABILITY: IS AUXILIARY FIELD EDUCATION POSSIBLE FOR LOCAL
SUSTAINABLE RURAL DEVELOPMENT?**

Ivanio Folmer, Gabriella Eldereti Machado, Isabela Silveira Mello, Maiara Bairros De Bastiani e Rodrigo De
Morais Borges

RESUMO

A educação do campo é um eixo muito importante para o desenvolvimento dos educandos filhos de agricultores e camponeses. Assim esse texto analisa uma escola situada no espaço rural de Santa Maria, na tentativa de perceber se há relação entre desenvolvimento rural sustentável e Educação do Campo. Partindo desta pergunta, podemos perceber os projetos existentes na escola, e como os mesmos se relacionam com a vida dos sujeitos.

Palavras-Chave: Educação do Campo; Território

ABSTRACT

The education of the countryside is a very important axis for the development of educating children of farmers and peasants. Thus this text analyzes a school located in the rural area of Santa Maria, trying to understand if there is a relationship between sustainable rural development and rural education. Starting from this question, we can see the existing projects in school, and how they relate to the lives of the subjects.

Keywords: Rural education; Territory

EDUCAÇÃO E SUSTENTABILIDADE: É POSSÍVEL A EDUCAÇÃO DO CAMPO AUXILIAR NO DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL LOCAL?

1 INTRODUÇÃO

Este texto possui forte importância alicerçada nos padrões atualmente encontrados nos Espaços Rurais dos municípios, onde a Educação do campo é bastante reconhecida por toda a comunidade escolar. Agroecologia e Educação do Campo são dimensões teóricas e práticas que discutem justamente sua oposição e luta contra a lógica capitalista imposta no campo, que se apresenta em ampla expansão, desta forma diminuindo os espaços naturais. Devido a isso, são forças complementares e que dialogam entre si e entre suas diferenças.

Tornamos objetivo analisar o distrito de Arroio Grande, no município de Santa Maria/RS, na procura de relacionar a Escola de Ensino Fundamental Arroio Grande e o envolvimento dos produtores rurais com as práticas agroecológicas e ambientais, investigando se é possível que uma Escola Do Campo possa auxiliar no desenvolvimento rural sustentável local.

A pesquisa pode ser classificada como estudo de caso, com técnicas qualitativas, revisão bibliográfica, visitas a campo com interação com os produtores (diário de campo e entrevistas semiestruturadas com professores da escola e pessoas da comunidade ao entorno da escola).

Neste texto, o estruturamos em três momentos. No primeiro deles, tornou-se imprescindível analisarmos a transformação ocorrida na agricultura, com foco nos processos de industrialização e mecanização do campo. Percebemos, deste modo, os movimentos de resistências e abandono do campo. Em segundo momento, foi inescusável oferecermos um enfoque ao teórico dos conceitos de Educação do Campo e Agroecologia. Por fim, na terceira etapa, compreender o papel da Escola do Campo, como estudo de caso a escola citada para a construção e permanência dos saberes culturais impressos na comunidade rural, com enfoque na produção texto, agroecológica do lugar.

2. AS ALTERAÇÕES NA AGRICULTURA DE BASE ECOLÓGICA: RELAÇÃO CAMPO X CIDADE

No Brasil, o processo de modernização teve início na década de 50, com o aumento das inovações científicas e informacionais, crescentes importações de máquinas e equipamentos tecnológicos para a produção agrícola, objetivando a maximização da produção do país, bem como a substituição das importações. Segundo SOTO (2002) na década de 60 se incorporou e se estabeleceu no país um setor industrial com potencial de crescimento. Neste mesmo período começaram os debates entre pensadores preocupados com aumento desenfreado desse modo de produção. O que motivava os debates eram as transformações ocorridas na agricultura. A partir da implantação do acervo tecnológico se observava efeitos no processo produtivo da pequena produção familiar, afetada pela modernização e expansão do capitalismo no campo.

Lênin percebe a desarticulação da pequena produção familiar diante do avanço do capitalismo no campo, pois o “processo de decomposição dos pequenos agricultores em patrões e operários agrícolas constitui a base sobre a qual se forma o mercado interno na produção capitalista.” (LÊNIN, 1982, p.35)

Logo, o modo de produção capitalista decompõe o pequeno agricultor e provoca a polarização das relações sociais entre dois grupos principais que se contradizem em interesses econômicos e políticos, onde um corresponde à burguesia rural marcada pela autoridade política e econômica, que é assegurada pela riqueza do que os compõe e o outro grupo é formado pelos agricultores pobres e os sem-terra, constituindo o proletariado rural, os quais, em sua maioria possuem pequenas propriedades, e muitas vezes cedem sua mão de obra ao primeiro grupo, a fim de garantir sua sobrevivência.

Com a modernização da agricultura, a mesma não alterou a relação campo com os sujeitos presente nele, mas criou relações produtivas, onde foi possível integrar campo e cidade, da mesma forma que conectou agricultura e a indústria. Sobre esta modernização e as questões agrárias Ferreira (2002, p 288) afirma:

Considerando que o sentido das mudanças foi dado em direção à consolidação das relações campo-cidade, evidenciadas pelos papéis que passaram a exercer a agricultura e a indústria na economia nacional, os estudos de Geografia Agrária deixaram de ser tipicamente agrícolas e incorporaram de forma definitiva a vertente social como definidora da postura geográfica sobre o assunto.

Logo, a sociedade urbana se colocou à frente da realidade rural, considerando-se um ambiente desenvolvido, enquanto o campo se entrelaça com laços negativos de atrasos, assim o modo de vida camponês foi considerado atrasado em relação à forma de sociabilidade dominante, que é característica própria da experiência urbana.

A polarização rural x urbano correspondeu, ao longo do século XX, à construção de um sistema hierárquico e rígido, onde a definição de rural se afastou de sua origem etimológica, quando se relacionava à qualidade “campestre”, passando a designar certo meio social caracterizado por atividades produtivas agropecuárias, florestais, mineradoras, e por valores culturais a serem superados pela desejável urbanização das sociedades. (FROEHLICH, 2002, p.1-2)

Iniciou um plano de modernização que se volta aos investimentos no espaço rural, projetando nestes espaços a implantação de equipamentos que, em outros momentos eram de uso habitual urbano, como uso de computadores, celulares, dentre outros. No território nacional relaciona-se a proposta pedagógica apoiada pelo estado. Nesse sentido Leite (1999) diz:

a preocupação maior com o campo e as populações campesinas não foi a escola em si, mas a produção agropecuária ali realizada, como subsídio fundamental para o processo urbano-industrial. O que fica claro para nós é que, ao longo do desenvolvimento do processo econômico moderno-liberal brasileiro, independentemente da época ou da estrutura do Estado, a escola no meio rural esteve a serviço do capital e dos capitalistas. Esses, indiretamente, agiram no campo e sobre a vida dos rurícolas, mediante a instalação de mecanismos informais de educação comunitária (a Extensão Rural, por exemplo), promovendo, assim, o esfacelamento da escola formal- tradicional e a negação de uma escolaridade voltada para a práxis dos rurícolas. (LEITE, 1999, p.111)

É evidenciado pelo autor que a Escola do Campo, historicamente está emancipada no sentido de proporcionar uma educação para os filhos dos grandes produtores rurais, não se preocupando com os filhos do proletariado. Nesta perspectiva Calazans (1993), destaca que, paradoxalmente, o período em que o Estado passa a despertar seu interesse pela educação rural do Brasil é justamente o momento em que todas as atenções e esperanças se voltam para o urbano que é dominado pela euforia do desenvolvimento industrial. Entretanto Calazans (1993) afirma que, esse paradoxo é a base para a iniciativa educacional no rural e explica a lógica desenvolvimentista da educação imposta ao campo. Já Fonseca (1985) relata que

[...] o discurso extensionista fazia um diagnóstico ressaltando o estado de carências do homem rural brasileiro - "desnutrido (carente de alimentos), ignorante (carente de informações), doente (carente de saúde), isolado (carente de contatos com o exterior), anônimo (carente de laços sociais sólidos e conscientes, ou avesso à solidariedade social). (FONSECA, 1985, p. 93).

Esse pensamento traduz a negação do saber dos próprios agricultores em torno da realidade a qual vivem, neste sentido programas educacionais são auxiliares na construção pessoal desses indivíduos, fomentando a necessidade de [...] alimentá-lo, informá-lo ao mundo da produção e do consumo (FONSECA, 1985).

Pensava-se que a urbanização carregava em si a modernização, e que a mesma iria se debruçar sobre aquele espaço visto pelos próprios agricultores como um local de atraso e não fecundo. Para que se concretize esse pensamento, concordamos com Froehlich (2002):

A visão era de que a urbanização trazia consigo a modernização social e o rural era um meio tradicional, onde vicejavam relações e valores arcaicos e atrasados, obstáculos a se superar no caminho do progresso. Nesta ótica, o meio rural era visto como meio demasiado 'natural' que interessava 'desnaturalizar', mediante a crescente artificialização e domínio dos processos naturais (introdução de eletrificação, insumos químicos, mecanização, motorização etc.). (FROEHLICH, 2002, p.35)

De acordo com este posicionamento e com as reflexões de Leite (1999) a escolaridade campesina vinculada ao sistema produtivo, serviu de suporte para a estruturação de uma sociedade desigual e de preparo mínimo de mão de obra que atendesse as prerrogativas político-econômicas vigentes.

O processo de desenvolvimento que no campo era conhecido também como modernização da agricultura, atingiu os objetivos de aumentar em grande escala a produção agrícola, e com isso, aumentar os lucros pelos produtores rurais que estavam inseridos neste sistema. Pode-se perceber que enquanto alguns possuíam benefícios outros estavam sendo prejudicados constantemente. Dentre alguns desses

[...] a agudização das desigualdades sociais, concentração de renda, exclusão social, desemprego, guerras e guerrilhas, superpopulação urbana e desertificação rural, insegurança e violência urbana, poluição do ar, água e solo, contaminação química dos alimentos, doenças infecciosas e

degenerativas, stress cotidiano no trabalho, entre outros problemas sociais. (FROEHLICH, 2002, p. 32)

O meio rural foi relegado a situações de abandono e esquecimento, isso fez com que a população visse o campo como, atrasado, retrógrado e obsoleto.

A visão dualista que opunha o rural ao urbano como realidades distintas e de negação uma a outra, associando o rural ao agrícola e atrasado e o urbano ao industrial e ao moderno, é superada, enfatiza Maria José Carneiro (1997:154-155), onde “A dicotomia entre rural e o urbano seria diluída em um continuum.” E neste contexto surge o novo rural indo ao encontro da valorização do meio ambiente, espaço onde a paisagem é agradável, e o sujeito beneficia-se de maneira abrangente, como um “lugar de consumo, residência, lazer, turismo, esportes etc., além das tradicionais funções da produção agropecuária e alimentar”. (FROEHLICH, 2002, p. 47).

3. EDUCAÇÃO DO CAMPO: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

O conceito de campo como espaço de vida é multidimensional, pois nos possibilita leituras e políticas mais amplas do que o conceito de campo ou de rural somente como espaço de produção de mercadorias. (FERNANDES, 2006). Corrobora com Fernandes, Maria de Nazareth Baudel Wanderley quando acrescenta a proposta de espaço de vida o conceito de “modo de vida” que se refere as transformações incorporadas ao sujeito camponês e que independente do espaço onde estiver levará esses saberes, valores, formas de estabelecer relações consigo, com os outros, com o mundo, com a terra.

No sentido do modo de vida camponês, tem-se a educação como eixo de atuação e intenção de atingir as dimensões que integram as questões sócio-políticas e culturais, no exercício da cidadania princípios da solidariedade.

Vislumbra-se que a educação para os sujeitos do campo, é denominada de Educação do Campo a partir da mobilização dos movimentos sociais, que se consolida com as políticas de cunho educacional. Segundo Furtado (2005, p.1) “essa educação tem o interesse de proporcionar a comunidade que contempla: os caçadores, ribeirinhos, pescueiros, quilombolas, posseiros, arrendatários, meeiros”. Entre outros aspectos, busca-se com a Educação do campo, uma educação rica voltada a realidade do aluno, com um Projeto Político Pedagógico flexível formulado pela comunidade escolar.

Existe hoje, uma política educacional, que visa o resgate de valores culturais, bem como a essencialidade do estudo em torno do desenvolvimento da cidadania, conforme consta no caderno por uma Educação básica no campo nos itens a b e c, desenvolvida pelo Ministério de Educação do Brasil (2007).

Queremos acrescentar que a educação do campo é um processo contínuo, dinâmico, que perpassa todas as relações camponesas, inclusive as escolares.

A Educação do Campo está relacionada a Educação Ambiental, por pensar que

A Educação Ambiental é um processo de reconhecimento de valores e clarificação de conceitos, objetivando o desenvolvimento das habilidades e modificando as atitudes em relação ao meio, para entender e apreciar as inter-relações entre os seres humanos, suas culturas e seus meios biofísicos. A Educação Ambiental também está relacionada com a prática das tomadas de decisões e a ética que conduzem para a melhoria da qualidade de vida. (SATO, 2002: 23-24)

Sendo impulsionada pela grande degradação do meio ambiente, torna-se imprescindível que seja desenvolvida nas escolas do campo a Educação Ambiental reformulando deste modo os sistemas educativos vigentes, na construção de novas práticas pedagógicas que envolva e auxilie na construção de indivíduos responsáveis com o meio onde estão inseridos.

Percebe-se que muitos sujeitos do campo não estão engajados com responsabilidades socioculturais e ambientais no espaço onde vivem. Essa constatação fez-se a partir do trabalho a campo no distrito de Arroio Grande, onde foi possível perceber que muitos agricultores não são responsáveis por seus resíduos domésticos, tão pouco esta incorporado a valor cultural da propriedade, cultural, observa-se também que os saberes tradicionais locais estão gradativamente se esgotando.

Requer então a reestruturação de conteúdos das Escolas do Campo, bem como resgate e conexão dos saberes locais tradicionais com as disciplinas ofertadas nessas escolas.

Depois de passar por inúmeros planos, de ser alvo de crítica ou de valorização dos vários segmentos sociais, de ver crescer em seu meio as proposições de uma educação popular, de sofrer um processo de urbanização fortíssimo, a ponto de perder, em muitos casos, sua identidade própria, a escola rural, hoje, volta-se para uma perspectiva de integração e fundamentação de seus princípios pedagógicos ligados ao campo e à vida campesina. (LEITE, 1999, p. 112)

Contudo, a trajetória das escolas do campo não passaram por profundas transformações e na realidade ainda está distante de tornar-se aceitável. As políticas públicas voltadas para a escolarização das populações rurais demonstram desenvolvimento lento, bem como desinteresse pelo Estado, o que se expressa por perceber na comunidade vários sujeitos analfabetos, precária valorização do espaço vivido, êxodo rural em contra partida há elevada modernização do campo expressos principalmente na monocultura.

4. O ESTUDO DE CASO: ESCOLA DO CAMPO DO DISTRITO DE ARROIO GRANDE

É indispensável associarmos a discussão sobre a construção de projetos voltados ao rural e ao papel do campo no atual modelo de produção, fomentado pela educação do campo.

A Escola de Ensino Fundamental Arroio Grande está localizada no 4º Distrito de Arroio Grande, no município de Santa Maria no estado do Rio Grande do Sul/Brasil. (figura1). Nesta escola os alunos são, em sua maioria, filhos de moradores da região, que fazem parte de uma instituição inserida em um processo gradativo de agrupamento de pequenas escolas com classes multisseriadas, possuindo apenas um professor por turma, a mesma inclui alunos de diversas idades e séries. Os alunos oriundos dessas escolas fechadas inseriram-se na Escola-Núcleo, que se localiza na parte mais urbanizada e de fácil acesso do distrito. A Educação do Campo propõe que a Escola apresente características específicas de trabalho e organização com um plano pedagógico vinculado às necessidades da população que reside no espaço rural.

A educação do campo está comprometida com a formação social dos alunos, baseando-nos em Caldart (2005, p. 27) em que “NO: o povo tem direito a ser educado no

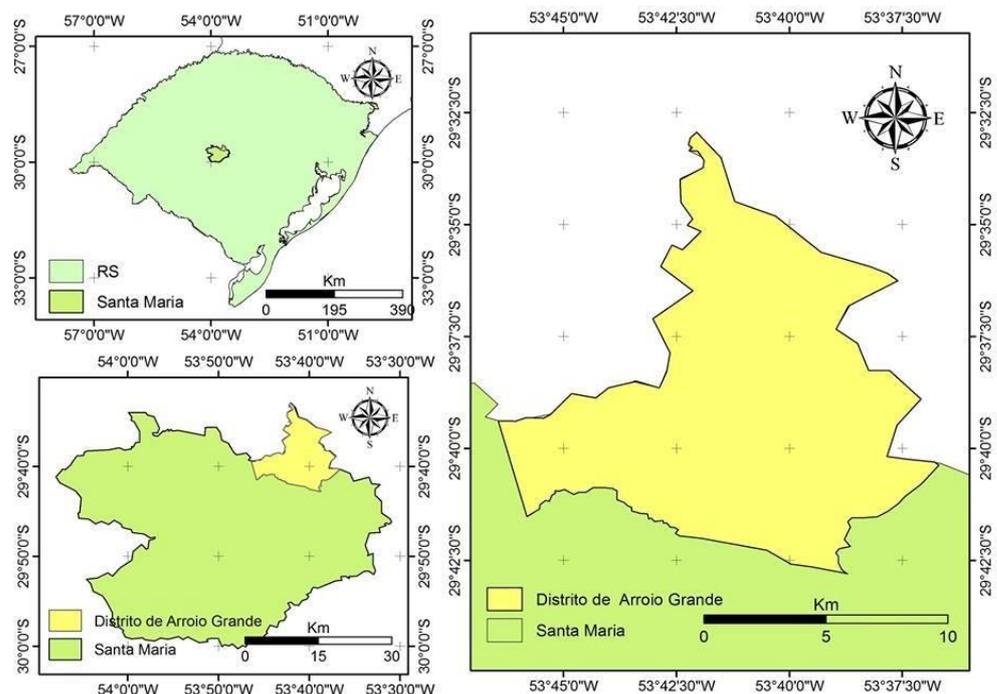
lugar onde vive. DO: o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com sua participação, vinculada a sua cultura, e suas necessidades humanas e sociais”, nesse sentido, diagnosticamos neste distrito rural, uma educação no campo, oposto que se espera de uma escola do campo inserida em um espaço carente de uma educação que contextualize seus alunos no ambiente no qual se inserem.

Os professores, em sua maioria, que atuam na Escola de Arroio Grande são advindos de áreas urbanas, muitos destes, conforme a pesquisa, demonstram-se pouco motivados a trabalhar na construção de uma educação do campo comprometida com o aprendizado do aluno através de uma articulação teórico e pratico, que pressupõe modo de vida do campo como ponto de partida.

Na grande maioria das vezes, os conteúdos são urbanizados, e os exemplos aproximam-se do discurso de que o desenvolvimento está na cidade e que a mesma trará melhores garantias de qualidades de vida.

Os professores destacam a qualidade de vida que o campo possibilita, mas nem sempre consegue articular os conteúdos, às reais necessidades dos agricultores. Nesse sentido amplia-se a dicotomia campo e cidade, e não a complementaridade dos dois.

Figura 1: Localização do distrito de Arroio Grande, Santa Maria/RS.



Fonte: Autores

A educação quando é interpretada como um processo complexo, na formação de sujeitos, transcende as barreiras do que chamamos de escola. Deste modo faz-se historicamente através do conjunto de relações socioculturais (igreja, clubes, família, sindicatos) que fazem parte da relação sociedade e natureza e também são espaços formativos. Pensando assim, ao fragmentarmos o conhecimento historicamente legado pela humanidade, sem que eles sejam articulados com o modo de vida camponês, acirramos sua desvalorização, relega-se segundo plano a história de vida desses sujeitos e opta-se em privilegiar uma educação escolar desarticulada do modo de vida camponês. Esse fato tem

tido

muitos desdobramentos, entre eles o processo de fechamento de escolas no campo.

Diante do contexto atual apontado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2007) é possível perceber que o número de escolas de Ensino fundamental no campo é reduzido. No caso da Escola de Arroio Grande pode-se notavelmente perceber a diminuição de entre 10 a 20 alunos por ano, podendo desta forma associar o contexto apresentado pelo INEP com a realidade presenciada na Escola. Neste sentido, a Escola de Arroio Grande atende, neste ano, a 123 alunos, com possibilidade de diminuição ao longo dos próximos anos, pois a cada ano letivo há menos alunos matriculados nas series iniciais, aliado com a saída dos que estão matriculados em turmas de 9º ano.

Segundo o site do MST (2015) mais de 4.000 escolas do campo encerraram suas atividades no ano de 2014, através destes dados obtidos comparados com a realidade da escola pode-se considerar a necessidade de aproximação entre a educação da escola com o contexto que permeia o cotidiano dos agricultores.

Neste contexto a Educação do Campo e a ciência agroecológica poderiam ter como fundamento uma aliança entre o teórico e a prática. A agroecologia apresenta-se como uma alternativa neste cenário, buscando (re) significar as vivências, a cultura local e as práticas de produção sustentáveis como possibilidade de incentivo para que os jovens percebam que possam atuar como sujeitos neste contexto.

Para tanto a agroecologia é uma perspectiva real no que tange à reorganização espacial do camponês, pois valoriza o saber/fazer no modo cultural, político e econômico.

Assim a educação do campo onde a Escola seria um de seus espaço/tempo poderia construir momentos de (re) criação, transformando espaços de convivências e de produção em instrumentos de aprendizagem.

Através das práticas desenvolvidas na escola, como o caso da horta escolar, onde os alunos possuem aula “fora da sala”, compreendem a importância de produzir alimentos saudáveis, a reutilizar os rejeitos dos alimentos, transformando-os em adubo orgânico que volta à produção de alimentos saudáveis. Além da produção de alimentos, é possível perceber que há uma relação afetiva crescente com a terra, onde a mesma deixa de ser vista como um elemento capitalista e passa a ser observada como um espaço de produção de saberes.

Assim, a escola, em uma ação afirmativa com os alunos, filhos de agricultores locais consegue se desenvolver de forma sustentável, além de auxiliar na crescente reflexão com os alunos.

Os saberes tradicionais são celebrados quando os educandos trazem de casa alguns elementos que compõe a hora. Como foi o caso de um educando que trouxe um pé de chá de hortelã, no qual estava inserido uma receita que foi trazida pela sua avó. Segundo o aluno, esse chá é usado em sua família para que amenizar dores na barriga e estômago. O educando em questão já havia feito o uso deste chá, entretanto, não sabia por qual razão o fazia, ao fazer seu relato, outros educandos também haviam tomado desse chá, mas também não sabiam a razão de tal feito.

Com isso, se percebe que na escola do campo o terreno é fértil para discussão de vários elementos que compõe o espaço rural. E assim sendo, não há como negar que uma escola do campo, com um projeto político pedagógico articulado com as vivências dos educandos consegue se desenvolver de forma sustentável, e esse é caminho para que possamos ter outras paisagens no espaço rural, diferente da que vislumbramos hoje.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola do campo está inserida em um espaço pedagógico-dialético de produção de

conhecimento que se constrói através da perpetuação e reprodução de informações baseadas em um contexto onde o educando não consegue abstrair, pois se trata de informações advindas de um mundo diferente de sua realidade.

Para que se produza e permaneça o conhecimento agroecológico na sociedade contemporânea, é preciso que a dicotomia entre ciência moderna e sabedoria tradicional seja ultrapassada, colocando-as em mesmo nível e que se complementem constantemente. Sabemos das dificuldades em se estruturar um conhecimento agroecológico, enquanto estivermos inseridos em um modelo social ditado pelo capitalismo, mas é fundamental encontrarmos saídas para ele. No que se refere à agricultura, uma das opções é a agroecologia e se a mesma estivesse inserida no distrito, seria uma atividade que alteraria o sistema produtivo local, substituindo as práticas agrícolas tradicionais (insumos agrícolas, agrotóxico,

sementes transgênicas, entre outros) por princípios ambientalmente sustentáveis garantindo um novo formato de desenvolvimento para os agricultores locais. Resta a escola do campo inserir essa proposta em seu dia a dia, problematizando a agricultura que temos e as dificuldades encontradas no campo.

Mesmo que seja objetivo no Projeto da Educação do Campo difundir entre os alunos e a comunidade a abordagem agroecológica no sentido de valorizar o saber/fazer local, bem como oportunizar melhores condições de vida e a reprodução tanto econômica quanto social, está realidade não se concretiza na escola estudada.

Assim, constatamos que a escola de Arroio Grande não desenvolve um projeto voltado a Educação do Campo e Agroecologia, em sua totalidade, entretanto, apresenta projetos que se mostram interessados em rever a situação instituído na região

Para que o projeto cresça e tome maiores proporções, é necessário que os habitantes que vivem no campo, aceite pensar o campo de forma diferente, e que estejam comprometidos com garantia de qualidade de vida para a população do campo, através de renda, autonomia e conhecimento.

Desta forma entendemos, no atual contexto, a importância da troca de saberes para o desenvolvimento de uma prática social que fortaleça a intervenção do caráter transformador entre o educando e a comunidade em que vive.

Salienta-se novamente a importância do desenvolvimento sustentável rural, para que a qualidade de vida e a segurança alimentar seja permanente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTIERI, M. Agroecologia: **a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 5 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 117p

CALAZANS, M. J. C. **Estudo retrospectivo da educação rural no Brasil**. Rio de Janeiro: IESAE, 1997.

CALDART, R. S. **Elementos para a construção do projeto político pedagógico da Educação do Campo**. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Cadernos Temáticos: educação do campo. Curitiba: SEED/PR, 2005.

CALDART, Roseli Salete. PEREIRA, Isabel Brasil. ALENTEJANO, Paulo. FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

CAPORAL, F. R; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. Brasília : MDA/SAF/DATER-IICA, 2004

CARNEIRO, M. J. Ruralidade: **Novas Identidades em Construção**. *Revista Estudos, Sociedade e Agricultura*, n. 11, p. 53-75. 1998

FERNANDES, N. M.; CERIOLI, P. R.; CALDART, R. S. **Primeira Conferência Nacional “Por uma Educação básica do Campo”**. (Texto introdutório). In: M. G

FONSECA, M. T. L. **Extensão rural no Brasil: Um Projeto Educativo para o Capital**. São Paulo, Loyola, 1985.

FROEHLICH, J. M. **Rural e Natureza: a construção social do rural contemporâneo na região central do Rio Grande do Sul**. 2002. 226f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

FURTADO, Eliane Dayse Pontes. Estudo sobre a educação para a população rural do Brasil. Roma, 2004. Disponível em:
http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:QbJ_61u888wJ:redler.org/estudio_e_educacion_rural_brasil.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br. Acessado: em 12/07/2016.

GLIESSMAN, S. R. Agroecologia: processo ecológicos em agricultura sustentável. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2000.

LENIN, V. **O desenvolvimento do capitalismo na Rússia. O processo de formação do mercado interno para a grande indústria**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

LEITE, S. C. **Escola Rural: urbanização e políticas educacionais**. São Paulo: Cortez, 1999.

OLIVEIRA, A. U. de. Prefácio. In: PAULINO, Eliane Tomiasi. **Por uma Geografia dos agricultores**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

PETERSEN, P. **Agroecologia e a superação do paradigma da modernização**. In: Agroecologia : práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura / organizadores Paulo André Niederle, Luciano de Almeida, Fabiane Machado Vezzani.— Curitiba : Kairós, 2013.

SOTO, W. H. G. **A Produção do Conhecimento sobre o Mundo Rural no Brasil: As contribuições de José de Souza Martins e José Graziano da Silva.** Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2002.

SOUZA, M. A. de. **Educação do campo: políticas, práticas pedagógicas e produção científica.** Educ. Soc., Campinas, vol. 29, n. 105, p. 1089-1111, set./dez. 2008.

VEIGA, J. E. **O desenvolvimento agrícola: uma visão histórica.** São Paulo: HUCITEC-UDUSP, 1991.